

IGREJA: COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO

Pe. Paulo César Nodari¹

A Igreja, Corpo de Cristo (cf. 1 Cor 12, 26s), Povo de Deus (1 Pd 2, 9), Reino de Deus (LG 3; Mc 4, 26; Mt 12, 18), Sacramento e Mistério, Esposa de Cristo (Ef 5, 25-32), Peregrina – missionária por natureza – origina-se da missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio do Pai (AG 2), existe para evangelizar, pois esta é a sua identidade (EN 14), tem a missão de continuar na história da humanidade e para isto Jesus enviou, da parte do Pai, o Espírito Santo prometido (Jo 14, 26).

Enviado pelo Pai, por meio do Espírito Santo, para inaugurar o Reino de Deus, Jesus funda a Nova Aliança. Após sua morte e ressurreição, em Pentecostes, os apóstolos são enviados para serem testemunhas de Cristo Ressuscitado (At 2, 32). Jesus funda o Reino de Deus, o povo da Nova Aliança, a Igreja.

Instituindo a Nova Aliança, Jesus “chamou entre judeus e gentios um povo, que junto crescesse para a unidade, não segundo a carne, mas no Espírito, e fosse o novo povo de Deus” (LG 9). Est²e novo Povo está em continuidade e estreita relação com o Povo de Israel, o Povo da Aliança. A antiga Aliança “foi preparação e figura para aquela nova e perfeita Aliança que se estabelecerá em Cristo” (LG 9), conforme profetizara Jeremias: “Eis que virão dias, diz o Senhor, em que eu farei Nova Aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá (...). Gravarei minha lei nas entranhas e a escreverei nos seus corações e serei o seu Deus e eles serão o meu povo (...)” (Jr 31, 31-34).

Este povo da Nova Aliança, tendo Cristo como cabeça, é chamado a ser continuador da Nova Aliança que Jesus fundou. Por isso, a razão de ser da Igreja é Cristo e o seu Reino. “Sua lei é o mandamento novo de amar como o próprio Cristo nos amou” (Jo 13, 34). Sua meta é o Reino de Deus, iniciado pelo próprio Deus na terra, a ser estendido mais e mais até aparecer Cristo, nossa vida (Cl 3, 4).

A Igreja vem da Trindade, do universal desígnio salvífico do Pai (LG 2), da missão do Filho (LG 4). A Igreja orienta-se para a Trindade: a comunhão eclesial deve, no Espírito e através do Filho, voltar ao Pai. A Igreja é, pois, peregrina no tempo e no mundo. Sua realidade não é absoluta, mas temporal. Tem a missão de atualizar a Nova Aliança, assumindo as alegrias, as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e dos que mais sofrem (GS 1). Assume o desafio de evangelizar os homens e as culturas de hoje a partir dos sinais dos tempos (GS 4).

1 O QUE É A IGREJA?

É Corpo de Cristo. Uma coisa só com Cristo que é a cabeça. Cristo ama a sua Igreja até fazer dela o seu próprio corpo. A Igreja é algo inerente a Cristo. Por isso, a natureza da Igreja é de crescer em Cristo, de configurar-se com Cristo, até que toda a humanidade seja Corpo de Cristo. A Igreja é um só corpo, porque está animada por um só Espírito. Se um membro sofre, todos os membros partilham o seu sofrimento. Se um membro é honrado, todos partilham a sua alegria (1 Cor 12, 26). Por isso, o amor e a caridade que reinam na Igreja ajudam e fazem crescer o Corpo de Cristo até atingir todas as pessoas. A Igreja sente uma necessidade imperiosa de crescer em intensidade e em extensão. Mas isto acontece só quando a Igreja ama e atende os que “querem ver Jesus” (Jo 12, 21).

É Povo de Deus. A Igreja é propriedade sponsal, povo adquirido (1 Pd 2, 9) por Cristo, Redentor e Esposo. Povo que tem sua origem na *Aliança* ou pacto de amor matrimonial e selado com o sangue derramado na morte redentora de Cristo. Sinal levantado no meio das nações (cf. Is 11, 12). A Igreja é povo de Deus, porque é “para todo gênero humano, um germe firmíssimo de unidade, de esperança e de salvação. Constituído por Cristo para a comunhão de vida, caridade e verdade, é por Ele ainda assumido como instrumento de redenção de todos, e é enviado ao mundo inteiro como luz e sal da terra (cf. Mt 5, 13-16)” (LG 9). A Igreja é povo de Deus na medida em que se esforça para abraçar a todos num amor afetivo e efetivo. “Eu serei vosso Deus e vós sereis o meu povo” (Lv 26, 12). É

¹ Padre da Diocese de Caxias do Sul. Pároco da Catedral. Professor de filosofia da UCS.

realmente o pacto esponsal que chega à plenitude no Novo Testamento: Cristo é o esposo. E, para realizar esta aliança de amor, Jesus deu sua própria vida. Povo significa propriedade esponsal de Deus. “Vós outrora éreis povo, mas agora sois o povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas agora alcançastes misericórdia” (1 Pd 2, 10). É uma predileção de Deus para ser comunicada. Nós que já somos Povo de Deus, devemos ser sinal para todos os que Deus ama. A Igreja se torna povo de Deus na prática do mandamento do amor e pela união com Cristo Crucificado.

A Igreja é um povo, o povo de Deus. A Igreja é o povo de Deus sem fronteiras. Ela chama todos e nela integra todos. A Igreja não se renova pela via da geração. Ninguém nasce membro do povo de Deus. Não existe nenhum direito ou privilégio de nascimento. Alguém ou um grupo entra no povo de Deus e o constitui mediante a conversão e a fé, mediante a aceitação ativa de Jesus Cristo. Todos são chamados. A resposta que se deseja é a fé, isto é, a entrega de si mesmo com confiança a Jesus Cristo dentro da comunidade. Não existe fé em Jesus Cristo que não seja adesão a seu povo. O caminho da Igreja é a imitação de Jesus. O povo de Deus é o povo da esperança. A força que reúne os membros do povo de Deus, o fundamento de sua adesão, o que une todos num só povo, é a fé. A fé não é um ato individual, é o ato pelo qual a pessoa se une aos irmãos no povo de Deus para um destino comum, uma convivência que aceita os riscos comuns em vista de vitórias comuns. A fé e a peculiaridade do povo de Deus.

É Reino de Cristo. A Igreja é o Reino de Cristo que tem início já nesta terra. É a presença do Reino de Deus aqui na terra, sabendo que o Reino de Deus é maior que a própria Igreja. A Igreja deve estar a serviço do Reino. A semente do Reino já se encontra, de algum modo, presente em cada pessoa, povo e cultura. Jesus Cristo é a manifestação plena do Pai. Em Jesus, Deus se manifesta plenamente. Jesus, em seus gestos e ações, manifesta, revela quem é Deus. Deus, em Jesus Cristo, foi se manifestando e comunicando a todos: “fazei penitência, porque o Reino de Deus se aproxima” (Mt 4, 17). Jesus mostra-nos como é o projeto do Reino de Deus. Assim, a Igreja é enviada a testemunhar e a anunciar Jesus Cristo, bem como estar a serviço do Reino de Deus, presente no *já* e no *ainda-não*. Neste sentido, a razão de ser da Igreja é anunciar e comunicar a todos o Reino de Deus. Ela, por conseguinte, é missionária por natureza. O Reino de Deus tem um dinamismo interno que a impulsiona para uma plenitude de vida em Cristo. É um dinamismo de santificação e salvação para todos. É o Reino dos pequenos e dos fracos. Deus escolheu os fracos para confundir os fortes (cf. 1 Cor 1, 27). É um Reino de amor e de benevolência. Ele nos amou primeiro (cf. 1 Jo 4, 10). Está no meio de nós (Lc 17, 21), mas não pertence a este mundo. É o Reino que deve se estender: “venha a nós o vosso Reino” e no qual todos devem entrar.

É Sacramento e Mistério. A Igreja é sinal transparente de Cristo, pois Jesus Cristo é o mistério, a epifania e comunicação dos planos salvíficos de Deus (cf. Ef 1, 3-9). É o mistério que se anuncia, celebra e vive em cada comunidade cristã para ser comunicado a todos os povos (cf. Ef 3, 1-10). É o sacramento universal de salvação que deve realizar o encontro de toda a humanidade com Cristo Ressuscitado e, através de Cristo, com o Pai. A Igreja é o sinal concreto do amor de Deus à comunidade. Deus nos comunica o mistério de Cristo em nossas próprias circunstâncias humanas limitadas. A força do Espírito aparece agora na humanidade de Jesus prolongada em sua Igreja. Somos a Igreja dos pobres. Deus faz da limitação humana um instrumento de sua graça. “Mas, Deus escolheu o que é loucura no mundo, para confundir os sábios; e Deus escolheu o que é fraqueza no mundo, para confundir o que é forte. E aquilo que o mundo despreza, acha vil e diz que não tem valor, isso Deus escolheu para destruir o que o mundo pensa que é importante.” (1 Cor 1, 27s). Sem esta consciência não descobriremos o mistério de Deus no amor aos pobres.

É Esposa de Cristo. A Igreja assume a mesma missão de santificação e de disponibilidade missionária, de amor da Igreja-Esposa. Esta pertença esponsal deve, necessariamente, perceber sua fecundidade maternal. A Igreja é Esposa-Mãe que deve receber em seu seio o Verbo, sob a ação do Espírito Santo, para gerá-lo para o mundo. É a Esposa fecunda. O Apocalipse é um chamado do Espírito Santo à Igreja-Esposa, para que se prepare para receber o Esposo que vem. Ele já está à porta (Ap 3, 20) e quer levar Consigo a Esposa, para que beba o seu mesmo cálice e se vista do mesmo vestido de núpcias que é a cruz (Ap 5, 12). Paulo estimula cada comunidade cristã a um processo de configuração com Cristo. O seu zelo apostólico deve ser o mesmo zelo apostólico de Cristo-Esposo (2 Cor 11, 2). A Igreja-Esposa deve ser fiel a Cristo. É a fidelidade à doutrina, às suas promessas, ao seu

amor. É o “amém” da Igreja ou o “sim” renovado e permanente. A fidelidade da Igreja-Esposa é fidelidade à missão de Jesus-Esposo. Sua fidelidade é para sempre.

2 A IGREJA DE DEUS

A Igreja de Deus é visível e invisível. A Igreja não é meramente o visível e nem simplesmente o invisível. São pessoas que buscam a humanidade nova em Jesus Cristo. Jesus Cristo é o homem novo. A Igreja deve despertar os caídos e fortalecer a esperança. Tem a missão de viver a comunhão fraterna. A Igreja é o povo de todos os crentes. Na Igreja já está presente o Reino de Deus. Aí começa uma libertação dos homens. A Igreja é sinal da vida nova e esperança para todos.

a) *A Igreja em Deus Pai.* Deus renova a sua criação a partir dos que mais sofreram na primeira criação. A nova criação tem seu centro na humanidade. O homem novo começa por Jesus Cristo. O homem novo é um povo novo, uma humanidade nova. Agora, tudo é renovado: a lei, a aliança e a comunidade. A novidade reside antes do fim: a vida nova e a nova criatura entram numa vida eterna: inserem-se na ressurreição de Jesus Cristo. Esta vida é um começo de vida eterna. Na Igreja manifesta-se o Reino de Deus. A vontade de Deus é a comunhão dos homens. Deus começa a reinar onde os homens lutam para superar as formas de dominação. É a semente que vai germinando e crescendo. Neste Reino o Pai é o vencedor de todo o mal.

b) *A Igreja em Jesus Cristo.* Seguimento de Jesus: como Jesus, a Igreja é enviada pelo Pai. Ela é missionária por natureza. Ela não existe por si mesma nem para si mesma. A razão de ser da Igreja está na *vontade* e no *projeto* do Pai. A Igreja existe para realizar a obra do Pai. Ela é evangelizadora. Não pode ficar fechada em si mesma. A Igreja é convidada a evangelizar os pobres e chamá-los, para que a força do Espírito os desperte com uma força que antes não tinham. O seguimento da cruz: o ponto a dar tonalidade suprema à imitação de Jesus é o *serviço*. Jesus se faz servidor e escravo dos homens. A Igreja segue Jesus fazendo-se servidora e escrava. A Igreja deve seguir o caminho do serviço até a cruz. Há íntima ligação entre a cruz de Cristo e dos discípulos (cf. Cl 1, 24). Não se trata de uma simples imitação exterior, mas de uma identificação invisível e real.

c) *A Igreja no Espírito Santo.* O Espírito foi enviado pelo Pai ao mundo inteiro, até às ilhas mais remotas e aos rincões mais afastados. O Espírito cumpre esta missão por intermédio da Igreja. O Espírito usa a Igreja para percorrer o mundo inteiro, para anunciar a libertação e despertar todos os povos. A missão existe antes da Igreja e a Igreja existe para a missão. Não existe para si mesma e sim para ir pelo mundo. O Espírito é a força que impele para fora. Não deixa a Igreja parar. Estimula-a à missão. É uma luta permanente que a Igreja tem de sair de si mesma. A Igreja só se justifica quando sai de si mesma para ir ao encontro dos outros povos. Neste sentido, a Igreja é convidada a ser dentro do mundo sem ser do mundo. A Igreja é convidada a ser a nova criação de Deus em Jesus Cristo pelo Espírito Santo. A razão da comunidade é Jesus Cristo. A Igreja existe para servir, ou seja, está a serviço do mundo, sendo a comunidade o lugar do serviço. Não é o lugar de privilégios de um grupo de pessoas. A comunidade existe para servir e criar relações, procurar as necessidades das pessoas. O serviço fundamental consiste em despertar para a libertação (GS 1-3; Mt 20, 28; Mc 10, 45; Jo 3, 17; Gl 5, 13; 1 Pd 4, 10).

3 IGREJA, A NOVA ALIANÇA

“O Espírito Santo descerá sobre vocês, e dele receberão forças para serem as minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os extremos da terra” (At 1, 8). Com o Pentecostes inicia oficialmente a Igreja como o povo dos que testemunham Jesus Cristo Ressuscitado. A Igreja é testemunha da Nova Aliança. É a sua concretização e a garantia da atualização da Aliança, pois a Igreja está no mundo.

Vê-se, portanto, que na Igreja se congregam três elementos: mistério, comunhão e missão. Vinda do Pai, pelo Filho, no Espírito Santo, a Igreja se configura como um povo, visibiliza-se num corpo, o Corpo de Cristo. Possui, portanto, sua organização, caracterização e constituição própria. Mas a Igreja é missão. Ela está a serviço do Reino de Deus, no mundo. É neste sentido que devemos entender a Igreja sob duas dimensões: carismática e institucional.

Conforme a *Lumen Gentium*, o primeiro povo de Deus que foi constituído pela Aliança no Sinai e peregrinante no deserto, era apenas a preparação e figura do verdadeiro povo de Deus, que seria a Igreja de Cristo, o novo Israel, o povo do Novo Testamento (cf. LG 9). A Nova Aliança configura e forma um povo, a Igreja. O processo da Aliança, embora atinja e comprometa cada um individualmente, chamando-nos pelo nome, sempre é feita com um povo, ainda no Antigo Testamento. “Aproveu a Deus santificar e salvar os homens não singularmente, sem nenhuma conexão uns com os outros, mas constituiu-os um povo, que O conhecesse na verdade e santamente o servisse” (LG 9).

Este novo povo de Deus, povo da Nova Aliança, não equipara-se simplesmente a outros povos, com as mesmas características sociológicas. Sua realidade primeira é ser “mistério”. Sua natureza é de ser “em Cristo como que o sacramento ou sinal e instrumento de íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano”(LG 1). Como mistério, devemos compreender toda a realidade da Igreja trinitariamente: sua fundação, sua configuração e seu destino. Ela possui, portanto, um fundamento trinitário. “A Igreja provém da Trindade, é estruturada à imagem da Trindade e ruma para o acabamento trinitário da história” (FORTE, 1987, p. 9). A Igreja é, pois, originária do desígnio salvífico do Pai, “para elevar os homens à participação da vida divina” (LG 2); do Filho que inaugurou o Reino dos Céus, que está presente em mistério na Igreja; do Espírito Santo que santifica a Igreja, leva-a ao conhecimento da verdade total (Jo 10, 13), unifica-a na comunhão e nos ministérios e a faz rejuvenescer e renovar-se constantemente (LG 4). É também ícone da Trindade, pois sua organização, una na diversidade das igrejas locais, dos seus carismas e ministérios, reflete a comunhão trinitária. Enfim, orienta-se para a Trindade, pois o povo da Nova Aliança caracteriza-se por ser peregrino no mundo, mas não do mundo, pois a finalidade última é a comunhão na Trindade, onde “Deus seja tudo em todos” (1 Cor 25, 28). Caminha ao encontro do Esposo na glória (Cl 3, 1-4). Assim, segundo São Cipriano, a Igreja é o povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

A Igreja é continuadora da missão de Cristo. Como Cristo trouxe a salvação para todos os homens, a Igreja deve prolongar tal missão através dos séculos, levando a humanidade à conscientização plena da Aliança. Ela é essencialmente dinâmica e carismática. É fiel continuadora da obra de Cristo, isto é, está a serviço do Reino de Deus. Deve ser definida como serva do Reino de Deus. Como continuadora da obra de Cristo, a Nova Aliança deve viver já a vida nova trazida pela ressurreição de Cristo a Nova Criatura (1 Cor 5, 17). Como Povo de Deus, a Igreja é formada por todos os batizados. Esta é a realidade primeira da Igreja: ser uma Igreja toda ministerial, pois, pelo batismo, todos os membros da Igreja participam da profecia, da realeza e do sacerdócio de Cristo. Evidencia-se, por conseguinte, primeiramente, a riqueza dos dons e ministérios que o Espírito Santo suscita em cada batizado. O Povo de Deus inteiro participa destas três funções (*múnus*) de Cristo e a missão que daí decorre. É um povo de sacerdotes (Ap 1, 6), participantes do único sacerdócio de Cristo no oferecimento de suas vidas (At 2, 42-47). Todos participam da missão profética pelo testemunho de vida e fé. Todos são chamados ainda a participar da missão régia de Cristo como servidores, pois o reinado de Cristo baseou-se no serviço.

4 MISSÃO DA IGREJA: TESTEMUNHA DO REINO DE DEUS

“Eu vos constituí para irdes e dardes frutos” (Jo 15, 16). “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio (...). Recebam o Espírito Santo” (Jo 20, 21-22). Vemos, pois, que a constituição missionária da Igreja tem uma dimensão cristológica, mas também, trinitária. Jesus envia os apóstolos para continuarem a sua obra no mundo. Jesus continua a obra do Pai que O enviou, enviando os apóstolos em missão. Para isso, dá-lhes o Espírito Santo, que é o vivificador da missão da Igreja.

Diferentemente do povo da antiga Aliança, a Igreja tem uma missão universal e um projeto a realizar com toda a humanidade. A Igreja é comunhão e missão. A comunhão é condição indispensável para o cristão, mas esta se completa na missão. “A comunhão e a missão estão unidas profundamente, ao ponto de a comunhão representar a fonte, simultaneamente, o fruto da missão: a comunhão é missionária e a missão para a comunhão” (ChL 32). O tempo da Igreja é, pois, o tempo da missão, que tem como objetivo o Reino de Deus ou no dizer de São João, a comunhão na Trindade: “O que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos para que também vós tenhais comunhão conosco. A nossa comunhão é com o Pai e com o seu filho Jesus Cristo” (1 Jo 1, 3). A missão da Igreja é, pois, levar a salvação de

Deus aos homens. É a “salvação dos homens que se alcança com a fé em Cristo e a sua graça” (1 Jo 1, 4ss).

Esta missão da Igreja tem um caráter universal. Deve testemunhar a Nova Aliança, Jesus e o seu Reino, a todos os povos da terra. “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mt 16, 15). A Igreja é o “sacramento universal da salvação” (LG 48). A todos os cristãos pertence esta missão. Todos são enviados a anunciar a Boa-Nova acerca do futuro da história e do mundo já garantido e antecipado pela Nova Aliança que historiciza a verdade da utopia de Jesus sobre o Reino. O Papa Paulo VI afirmou: “evangelizar é a graça e a vocação própria da Igreja, sua identidade mais profunda” (EN 14).

A tarefa específica da Igreja é a de ser serva, testemunha de Jesus Cristo, seu Reino. Não podemos compreender a Igreja sem o Reino e nem o Reino sem a Igreja. A Igreja sabe que é, enquanto é serva do Reino de Deus. Continua e historiciza a Nova Aliança fundada em Cristo e manifestada plenamente na Sua ressurreição. Enquanto serva do Reino, a Igreja o traz presente na história de forma misteriosa (LG 3) e ela mesma, a Igreja, constitui na terra o germe, o início, o sinal do Reino (LG 5).

A consciência da Igreja de ser tanto serva como sinal do Reino no mundo faz com que a Igreja reflita continuamente sobre o sentido de seu existir. Revela primeiramente que a Igreja não tem como afirmar-se por si só, não é uma realidade absoluta, mas relativa ao Reino de Deus. Isto faz com que o Reino e Jesus Cristo sejam sempre uma alteridade em relação à Igreja, uma realidade sempre maior. Exige da Igreja uma constante autocrítica de sua autocompreensão e de toda a evangelização. Não permite à Igreja prender-se ou absolutizar situações sociais, políticas ou culturais, pois o Reino é sempre dom escatológico: “já e ainda não”. Revela também a dimensão peregrinante e transitória da Igreja, exigindo desta uma constante adaptação aos novos tempos e culturas. Contudo, é no mundo, com os homens de nosso tempo, que a Igreja é chamada a testemunhar o Reino. A Aliança não pode ser uma realidade fora e anti-histórica, mas profundamente enraizada nas culturas, pois é de homens e mulheres do nosso tempo que esta é firmada. Jesus não pede ao Pai para tirar os discípulos do mundo, mas envia-os ao mundo. Pede apenas para livrá-los do mal (cf. Jo 17, 15).

Na *Gaudium et Spes*, a Igreja “deseja expor a todos como concebe a presença e a atividade da Igreja no mundo de hoje” (GS 2). Inicia com esta frase, que se tornou chave para a compreensão da relação entre Igreja e mundo: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS 1). A Igreja deve ser no mundo sinal do Reino e, por isso, de uma vida nova que brota da experiência do Ressuscitado. É sinal da graça e da vitória de Cristo sobre o mal e a morte. Age como sinal de esperança, pois a ressurreição de Cristo mostrou-nos o sentido da história. Age como sinal da fé, ao mostrar o Deus da Aliança, Seu Filho Jesus, a Nova Aliança, que no Espírito Santo, caminhou conosco na história. Age como sinal de solidariedade e união, pois o Reino, da qual é serva, exige a libertação integral dos homens, principalmente dos pobres. Assim, ela será, no mundo, testemunha do Reino e viverá sua missão como povo da Nova Aliança.

5 IGREJA MINISTERIAL: LEIGOS E HIERARQUIA

Leigo significa ser membro do povo. Os leigos são os membros do povo de Deus. A Igreja está a serviço da missão e da vida dos fiéis. O povo de Deus em sua totalidade é um povo sacerdotal, o povo oferece o conjunto de suas obras e trabalhos. Por isso, a Bíblia chama o povo de Deus de povo sacerdotal (Ap 1, 6; 1 Pd 2, 9; GS 10).

Ninguém entra no povo de Deus por si mesmo, por iniciativa pessoal: por si só não se interessaria. Entra porque foi chamado e convocado por Deus. Ninguém entra por nascimento como no povo de Israel e em todos os povos da terra. Entra porque conscientemente quer entrar. Não entra por imposição, mas porque quis entrar voluntariamente. O chamado à fé e à libertação é um chamado para fazer parte do povo de Deus, porque a marcha para a libertação não é atividade individual, completa na pessoa sozinha. Ela é obra comunitária, de todo um conjunto reunido de forma visível. Jesus convoca no seio do povo de Deus. Jesus Cristo é encontrado em seu povo e o Espírito age no povo de Deus.

Assim, o povo de Deus é convidado a ser um povo ministerial, ou seja, um povo a serviço do Reino de Deus. Os ministérios são instituídos por Cristo pela força do Espírito Santo. Não são criados

pelos leigos. Tudo é Dom de Deus no povo de Deus. Os dons e serviços dos bispos, presbíteros, diáconos e outros não emanam do povo. São criados por Deus como serviços. São realizados pela instituição de Jesus Cristo e pela força do Espírito. Não exercem sua atividade no povo de Deus como funcionários de um governo. São para desenvolver, suscitar, estimular, unificar as tarefas dos leigos e reunir os dons na comunhão de todo o povo de Deus.

“Os bispos, pois, com seus auxiliares presbíteros e diáconos, receberam o encargo de servir a comunidade, presidindo no lugar de Deus o rebanho do qual são pastores, como mestres da doutrina, sacerdotes do culto e ministros do governo” (LG 20). Missão especial é designada aos bispos, como sucessores dos Doze, os quais receberam de Cristo o mandato de continuar sua obra (Mt 28, 18-20). Recebem a plenitude do sacramento da ordem (LG 21). Em comunhão com o colégio episcopal e com o Romano Pontífice, chefe da Igreja, do colégio episcopal e sucessor de Pedro (LG 22), os bispos recebem a “missão de ensinar a todos os povos e pregar o Evangelho a toda a criatura” (LG 24). São enviados a pregar o Evangelho. Devem ser sinal de unidade. São mestres da fé e moral (LG 25). Pela pregação e pela celebração, os sacramentos são sinal de unidade da Igreja local e universal, especialmente, a eucaristia. Os presbíteros “são consagrados para pregar o Evangelho, apascentar os fiéis e celebrar o culto divino, de maneira que são verdadeiros sacerdotes do Novo Testamento” (LG 28). Os diáconos, “fortalecidos com a graça sacramental, servem ao Povo de Deus na diaconia da liturgia, da palavra e da caridade, em comunhão com o bispo e seu presbitério” (LG 29).

Os fiéis leigos, por sua vez, participam ativamente, a seu modo, da Igreja, mistério, comunhão e missão (cf. ChL, cap. I, II, III). “É específico dos leigos, por sua vocação, procurar o Reino de Deus, exercendo funções temporais e ordenando-as segundo Deus” (LG 31). Exercendo seu ofício, devem contribuir para a santificação do mundo. Guiados pelo Espírito Santo, são chamados a concretizar a nova Aliança e suas exigências em todas as realidades e dimensões da vida. São, pois, um instrumento vivo de testemunho de Cristo pela fé, esperança e caridade.

6 NOTAS DA IGREJA

As notas da Igreja são quatro. Estas notas são atributos propriamente essenciais da Igreja. Indicam sua natureza e sua missão (CIC 811). São, ao mesmo tempo, dom de Deus, pois é Cristo, pelo Espírito Santo, que dá à sua Igreja o ser una, santa católica e apostólica, e tarefa, pois são sempre um ideal a ser conquistado na comunidade eclesial.

a) Unidade. O fundamento e a origem da unidade são a unidade de Deus. Há um só Pai, um só Salvador Jesus Cristo, um só Espírito Santo. Um só Deus não pode querer várias Igrejas separadas. O único Cristo não fundou várias Igrejas separadas. O único Espírito de Deus não pode animar várias Igrejas opostas. A unidade da Igreja não resulta, portanto, somente da unicidade de sua fundação, mas também da ação constante do Pai, de Cristo e do Espírito Santo. As três pessoas divinas agem constantemente para unir. Pois o que une os povos e as pessoas tão diferentes na Igreja não é nem a cultura, nem a força, nem a organização, mas a ação permanente do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Deus usa meios humanos, mas nenhuma combinação humana poderia por si mesma produzir a união que existe na Igreja. A unidade da Igreja não nasce nem se desenvolve por meios simplesmente humanos. Cristo e o Espírito Santo são os agentes da unidade. Na Igreja, a unidade vem da fé e da esperança comuns e mantém-se ativa por meio da caridade e da solidariedade.

Jesus assumiu a tarefa de reunir todos os homens num só povo novo, num só Homem Novo. O Espírito continua a mesma tarefa. A unidade é, pois, o próprio sinal de Deus. A construção da unidade é a tarefa que Cristo assume na terra. Não é uma condição para outro bem ulterior, é o próprio bem e o fim da Igreja. Pois a unidade de todos os povos na Igreja é a imagem, o começo e a promessa de uma unidade futura de toda a humanidade. Por isso, a Igreja anuncia em si mesma a superação das grandes oposições que existem no mundo. Ela é sinal de unidade para mostrar a todos os homens o fim e o caminho da unidade.

Os elementos principais da unidade são: - em primeiro lugar, há unidade de fé, ou seja, todos se unem na mesma adesão a Jesus como verdadeiro homem e verdadeiro Filho de Deus. Unem-se no seguimento de Jesus, ao aceitar tudo o que Jesus ensinou. A unidade da fé inclui a aceitação da Bíblia

e da Tradição; - em seguida, outro aspecto que expressa a unidade da fé são os símbolos ou confissões de fé proclamadas pelos concílios ecumênicos ou pela Tradição da Igreja; - outro elemento que expressa claramente a unidade são os sacramentos, sobretudo o batismo e a eucaristia. Os sacramentos são expressão visível de unidade da Igreja; - ademais, a unidade de governo é outro grande elemento que expressa a unidade da Igreja. A unidade inclui também elementos de governo, pois os apóstolos receberam uma missão de autoridade: puderam aceitar ou excluir da Igreja e isso continua vigente na Igreja.

b) Santidade. Deus é santo. A santidade significa semelhança com Deus. A santidade está na justiça, no perdão e na compaixão. O próprio Deus é santo porque é autor da justiça e da misericórdia, porque tem compaixão dos pobres e dos oprimidos. A doutrina de Jesus sobre a santidade é a seguinte: nada é santo e nem profano, sagrado nem impuro em si, mas santa é a justiça, santas são a caridade, a misericórdia, santo é ter compaixão dos pobres e abandonados. Santa é a atividade de Jesus. Santa é a imitação de Jesus.

O Espírito é santo por ser a força de santidade verdadeira, por ser a fonte da justiça, da misericórdia, da caridade. A Igreja é santa porque é o Corpo de Cristo, e, portanto, está ligada à santidade de Cristo e recebe dele permanentemente influências e estímulos, que a chamam a imitá-lo e a ser santa como Ele foi e é santo. A Igreja é santa porque recebe a noção permanente do Espírito Santo. Entrar na Igreja equivale a assumir uma vocação à santidade. Sinônima de santidade é a perfeição. A Igreja é santa, porque chama à santidade no sentido definido. A Igreja é um caminho para a perfeição, uma escola de santidade. Não é a santidade constituída, mas o caminho para ela. A Igreja não é santa no sentido de que toda a sua ação estaria inspirada na santidade, mas por ser escola e aprendizagem.

No entanto, a Igreja que vive na terra e é feita de homens de todos os povos da terra, não nasce só do Espírito e de Cristo, ela nasce também dos povos humanos. Ela recebe a herança dos pecados da humanidade. Os homens que se convertem a Cristo e constituem a Igreja, ainda não foram santificados completamente. Eles vivem num debate constante que só termina com o término da vida nesta terra, um debate entre a santidade e pecado. O pecado procede do mundo a que todos os cristãos pertencem e a santidade procede de Deus que enviou o seu Filho e o seu Espírito Santo. Na Igreja vive-se o combate entre o pecado do mundo e a santidade. Por isso, a Igreja é santa por meio de um processo permanente de conversão, sempre reformada e sempre para ser reformada. Nunca alcança um estado definitivo de santidade. Ela é santa pelo caminho que está chamada a seguir e por todos os passos dados neste caminho. Não obstante, santos e pecadores pertencem à Igreja. A Igreja não é dos puros santos. Se assim fosse, não haveria ninguém na Igreja, pois todos pertencem em parte aos santos e em parte aos pecadores. A santidade é um processo de conversão. Os cristãos são pessoas em processo de conversão do pecado para a santidade no caminho que tem como meta a Parusia, isto é, a plenificação da vida na vida do Cristo Ressuscitado.

c) Catolicidade. A Igreja tem a missão de unir todos os povos numa comunhão de Igrejas. Desde o princípio ela se mostra aberta a todos os povos, e todos os povos têm valor igual e lugar igual na Igreja. Apesar disto, a Igreja não é uma organização uniforme em todos os países. Não deve ser um modelo único centralizado em todo o mundo. É uma comunhão de múltiplas Igrejas locais ou particulares. A única Igreja de Cristo está presente em muitas Igrejas locais. A Igreja é católica porque reúne em seu seio todos os povos da terra. Todos são iguais na Igreja e têm direito a se expressar em sua língua e em sua cultura. A catolicidade não é uniformidade, mas variedade na igualdade e respeito mútuo (Mt 28, 19; Ef 2, 14-18; Cl 1, 19-20).

d) Apostolicidade. Todos os dons, serviços e poderes vêm de Deus, são graças do Espírito Santo e se vinculam a uma vontade de Cristo. As próprias pessoas que recebem esses dons recebem-nos por vocação e escolha de Deus. No povo de Deus existem serviços diversos. Cada serviço detém uma parcela de poder. O dom de Deus que oferece a capacidade de prestar um serviço confere igualmente a autoridade suficiente para cumprir este serviço. Entre todos os serviços há um que contém a autoridade necessária para conduzir e governar, para presidir e ordenar. É um serviço de governo, mas não um governo como o de qualquer outra nação. Mas tem o poder de admitir ou não admitir, de aceitar ou não aceitar, expulsar e reconciliar. Este é o poder supremo na Igreja: o poder de

admissão ou expulsão. Este poder não pertence a todos, mas ao colégio episcopal com sua cabeça que é o Papa. É o poder de tomar as decisões em última análise.

A autoridade do colégio episcopal com o Papa se chama autoridade apostólica, porque ela prolonga a autoridade do colégio dos Doze, com Pedro à frente. A Igreja se chama “*apostólica*”, porque construída e mantida sobre o fundamento do colégio episcopal que são os sucessores dos Doze. Os bispos formam um colégio que é o sucessor do colégio dos Doze. O colégio não tem legitimidade sem o Papa sucessor de Pedro. Os bispos com o Papa têm determinados serviços e poderes na Igreja. Alguns lhes vêm de circunstâncias históricas e podem mudar. Outros vêm de Cristo e não podem mudar.

Há duas categorias de serviços na Igreja: os que pertencem à sucessão dos Doze e os outros. Assim como Jesus instituiu Doze, também estes Doze devem ter continuadores e sucessores em todas as épocas. É o colégio episcopal que possui a autoridade suprema sob sua cabeça, que é o sucessor de Pedro. Ao lado desta autoridade aparecem ao longo da história muitos outros ministérios que não são permanentes e constantes: aparecem e desaparecem, são substituídos por outros segundo a necessidade dos tempos. Mas ambos estão a serviço da missão especial da Igreja: anunciar o Reino de Deus.

Anúncio do Reino é neste mundo e não fora dele, não obstante João advirta sermos no mundo e não do mundo. O anúncio está, por conseguinte, sujeito às condições deste mundo. Nesse mundo, tudo requer tempo, tudo se faz com lentidão. Os projetos realizam-se com lentidão, não com a velocidade que desejariam a imaginação e a vontade pessoal. As realidades da matéria, da cultura e da sociedade humana andam devagar. Tais realidades impõem resistência. Determinam inclusive uma certa inércia a ponto de exigir dos continuadores da missão do anúncio do Reino de Deus paciência e perseverança como condições inesgotáveis para poder continuar.

Daí ser o povo de Deus um povo peregrino, um povo que caminha na história do mundo. O povo de Deus é, por conseguinte, o povo que busca correr e chegar ao fim como vencedor. Não pára no caminho. Não sabe quanto tempo durará a missão. Sabe apenas que o tempo é o tempo da missão. Por isso, o tempo e o espaço da Igreja são o tempo e o espaço necessários para a missão. Assim, a missão da Igreja não consiste em definir fronteiras, mas em continuar a peregrinação. A Igreja não pode parar. Tem, por conseguinte, consciência que a fonte da missão não está em suas próprias forças, porque o povo de Deus percebe em si mesmo as mais fortes tentações. Sabe que a maior fonte de fraqueza se encontra em si mesmo. Procura sua força no Espírito e, por isso, pode prosseguir sua missão. Crê na vitória apesar de tantos sinais contrários. O povo de Deus caminha para o futuro com a pura esperança contra todos os sinais visíveis. Alimenta-se de esperança, esperança que é confiança total e radical, apesar de não ter nenhuma razão evidente para confiar na vitória. Porque a esperança se baseia na promessa de Deus e, de forma alguma no conhecimento das leis do mundo, nem na segurança das forças disponíveis. Não existe nada que humanamente permita prever o êxito. A promessa do Senhor é a única coisa certa. O cumprimento da promessa é o céu. O céu, a vida eterna, a felicidade, a comunhão plena das criaturas com o Criador é a única promessa divina, quando todos nós seremos, em e por Cristo, entregues ao Pai (cf. 1Cor 15, 28).

7 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem crê tem confiança em Deus. Confia na presença de Deus e na vida da Igreja. Está convicto de que a Igreja recebeu de Deus a missão de anunciar e testemunhar a Boa Notícia do Seu Reino. Tem convicção e certeza de que a Igreja está a serviço da evangelização. Sabe que a Igreja é missionária por sua própria natureza. É confiante na presença santificadora do Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo. Por essas e outras convicções, nós todos sonhamos com uma Igreja sempre mais disponível ao projeto de Deus no serviço ao povo de Deus, especialmente, dos mais necessitados. Eis, portanto, alguns aspectos que podem, talvez, ajudar a criar a convicção de que é muito importante “sair” dos comodismos, das facilidades e dirigir-se em direção ao encontro profundo e íntimo com Deus no encontro com os irmãos. Eis, então, porque é imprescindível sonhar e trabalhar, para que o sonho de Deus seja assumido como nosso sonho em nosso testemunho e anúncio do amor de Deus, que poderia ser resumido nisto: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Eis, a seguir, alguns itens fundamentais, entre outros, para que possamos alinhavá-los e vivenciá-los em nossa vida.

Uma Igreja da alegria. Quem está com e em Jesus Cristo não pode ter atitude de tristeza. Evidente que há momentos de tristeza e de sofrimento. Mas a alegria da Boa Notícia e da presença de Jesus Cristo por meio do Espírito Santo na vida da Igreja não pode deixar-se superar e abater por tais momentos e situações. A alegria deve ser ânimo, força e convicção para auxiliar a viver, integrar e superar tais momentos e circunstâncias. Diz-nos o Papa Francisco:

A alegria do Evangelho enche o coração e a vida daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por ele e são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, a alegria renasce sem cessar. Quero, com esta Exortação, dirigir-me aos fiéis cristãos a fim de convidá-los para um nova etapa evangelizadora marcada por essa alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos. (EG 1).

Uma Igreja de “saída”. O Papa Francisco nos pede para lembrarmos ser uma Igreja de “saída”, isto é, sermos capazes de sairmos da comodidade, do conforto, da estabilidade para irmos à busca de quem está nas “muitas periferias” possíveis da vida, sejam elas periferias da antropologia e psicologia humanas ou também das periferias geográficas. Afirma o Papa Francisco:

A Igreja ‘em saída’ é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido. Muitas vezes, é melhor diminuir o ritmo, pôr de parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho. Às vezes, é como o pai do filho pródigo, que continua com as portas abertas para, quando este voltar, poder entrar sem dificuldade. (EG 46).

Uma Igreja missionária em permanente estado de conversão. A Igreja é missionária por sua própria natureza. Isso implica afirmar que a razão de sua existência é viver, testemunhar e anunciar a Boa Notícia do Evangelho a todos os povos. “Todos os evangelistas, ao narrar o encontro de Cristo ressuscitado com os apóstolos, concluem com o mandato missionário.” (RMi 22). Na *Redemptoris Missio*, o Papa João Paulo II afirma que a finalidade do seu escrito é a renovação da fé e da vida cristã no mundo atual (RMi 2). Para tanto, ela precisará estar em permanente estado de conversão, não se acomodando jamais aos conformismos, aos estancamentos e tibieza da fé (DAp 362). Não é mais possível continuar com o lema: “fez-se sempre assim” e é precisa-se continuar fazendo assim. Urge a ousadia e a criatividade para repensar os objetivos, as estruturas, os métodos evangelizadores (EG 33). Faz-se emintente que cada comunidade cristã se converta em um poderoso centro de irradiação da vida em Cristo (DAp 362). Esta firme decisão missionária de promoção da cultura da vida deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos de pastoral, em todos os níveis eclesiais, bem como toda instituição eclesial, abandonado as ultrapassadas estruturas (DAp 366). Logo, a conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária (DAp 370).

Uma Igreja toda ministerial. Ninguém entra no povo de Deus por si mesmo, por hereditariedade, por iniciativa pessoal, pura e simplesmente. É, antes, um chamado e convocação de Deus. Ninguém entra por nascimento. Entra-se conscientemente na Igreja. Todos são chamados a formar comunhão de dons e qualidades no Corpo de Cristo, que é a Igreja. Todos aqueles que acolhem a Palavra do Evangelho e permanecem em comunhão com Cristo formam a comunidade eclesial. A Igreja deverá retomar o zelo e empenho dos primeiros cristãos. Deverá valorizar sempre mais a variedade dos dons e carismas. Então, que cada um seja acolhido pessoalmente e se sinta valorizado, isto é, cada um se sinta, visível e eclesialmente, incluído como membro da comunidade e corresponsável nela. O Documento de Aparecida defende que os leigos devem participar do discernimento, da tomada de decisões, do planejamento e da execução e não serem meros executores de tarefas ordenadas pelas autoridades da Igreja (DAp 371). Nessa perspectiva, a promoção da vida plena em Cristo leva a assumir as tarefas prioritárias que contribuem à dignidade de todos os seres humanos (DAp 384). Uma Igreja ministerial busca uma promoção humana, que leve à autêntica libertação integral, capaz de abarcar todas as pessoas, fazendo-as participantes e sujeito de seu próprio desenvolvimento (DAp 399).

Uma Igreja do diálogo. Não é possível evangelizar sem diálogo. Aprender a dialogar é uma aprendizagem contínua. Deverá a Igreja ser capaz de acolher o diferente e ser capaz de criar

comunhão. Precisar-se desinstalar-se e sair do comodismo. Todos na Igreja são chamados a assumir uma atitude de permanente conversão pastoral (Dap 365). Assim, diante das transformações sociais e culturais e da urgência da Igreja desinstalar-se, deixando de ser uma alfândega, para transformar-se em uma casa de portas e coração aberto (EG 47), está a necessidade de uma renovação eclesial, que envolve reformas espirituais, pastorais e também institucionais (Dap 367). O Documento de Aparecida chega a afirmar que o Evangelho deve nos levar ao diálogo com as ciências (Dap 465), ao cuidado zeloso com a ecologia (Dap 474), ao zelo pelo mundo urbano, ambiente desafiador a toda evangelização (Dap 501), e à vida pública como um todo (Dap 509). Por sua vez, o Papa Francisco admoesta a todos para o diálogo entre a fé, a razão e as ciências, o diálogo ecumênico, o diálogo inter-religioso, as relações com o Judaísmo e o diálogo social num contexto de liberdade religiosa. Afirma o Papa: “A partir de alguns temas sociais, importante para o futuro da humanidade, procurei explicitar, uma vez mais, a incontornável dimensão social do anúncio do Evangelho, para encorajar todos os cristãos a manifestá-la sempre em suas palavras, atitudes e ações.” (EG 258).

Uma Igreja do serviço. O serviço aos pobres e a solidariedade com todos é missão essencial da Igreja. O serviço tem, sobretudo, o sentido de lutar contra a pobreza e a exclusão, e criar um novo sentido de solidariedade na ética pública. Afirma o Papa Francisco:

O bem tende sempre a comunicar-se. Toda a experiência autêntica de verdade e de beleza procura, por si mesma, a sua expansão; e qualquer pessoa que viva uma libertação profunda adquire maior sensibilidade perante as necessidades dos outros. Por isso, quem deseja viver com dignidade em plenitude, não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem. Assim, não nos deveriam surpreender frases de São Paulo como estas: ‘O amor de Cristo nos absorve completamente’ (2Cor 5,14); ‘ai de mim, se eu não evangelizar!’ (1Cor 9,16). (EG 9).

Uma Igreja do anúncio. O ponto alto da evangelização é levar o anúncio do Evangelho, de modo que todos reconheçam o amor misericordioso do Pai e realizem o encontro com o Cristo vivo presente na história. É urgente à missa da Igreja dar-se por conta de que sua missão é auxiliar a cada um a tomar consciência e aderir à alegria da fé por meio de uma profunda experiência do amor de Deus, a fim de que cada um se sinta amado por Deus e querendo com liberdade e alegre amar a Deus e à Humanidade, uma vez que os dois mandamentos conectados indissolúvelmente com os quais Jesus Cristo resumiu todas as leis e preceitos constituem-se em: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. “Anunciar Cristo significa mostrar que crer n’Ele e segui-Lo não é algo apenas verdadeiro e justo, mas também belo, capaz de cumular de vida de um novo esplendor e de uma alegria profunda, mesmo no meio das provações.” (EG, 167).

Uma Igreja próxima à experiência de Jesus de Nazaré. A Igreja deverá ser espaço da experiência da Páscoa e de Pentecostes. Deverá ser a experiência de quem caminha seguindo os ensinamentos do Mestre Jesus. É preciso lembrar que Jesus Cristo é o Mestre e Senhor e não há outro que possa nos seduzir e guiar, para que a mensagem do Evangelho não perca o seu “perfume” (EG 39). “Os desafios existem para ser superados. Sejamos realistas, mas sem perder a alegria, a audácia e a dedicação cheia de esperança. Não deixemos que nos roubem a força missionária!” (EG 109).

Uma Igreja do Mistério de Deus. Uma Igreja em que as pessoas se encontram para reconhecer a Deus-Pai como fonte e origem da vida das pessoas. Deverá encaminhar as pessoas para o encontro com Deus vivo de modo progressivo e pedagógico. Lembrar que a Igreja não tem o direito e não é sua missão buscar explicar tudo como se ela precisasse decifrar um enigma. Deus não é enigma, mas mistério. Logo, a Igreja precisa aprender a dar-se conta e auxiliar os fiéis a entender que ela é santa e pecadora, porque, respectivamente, ela vem de Deus e conta com a participação humana. Para melhor explicitação, é possível que se possa auferir aqui a todos a tarefa da compreensão da belíssima expressão: amar o divino no humano e o humano no divino. Faz-se urgente, pois, na missão da Igreja, sem com isso ser conformista, acompanhar com misericórdia e paciência o processo de crescimento da mensagem em meio aos acontecimentos e circunstâncias do mundo (EG 44).

Uma Igreja da compaixão. A Igreja deverá ser espaço de acolhimento e compaixão diante das dificuldades e sofrimento das pessoas nas suas mais diversas circunstâncias. Deverá ser uma mãe carinhosa e afável. Deverá ser uma amiga sempre presente, companheira, atenciosa e paciente a exemplo de Jesus de Nazaré. “Pequenos mas fortes no amor de Deus, como São Francisco de Assis,

todos nós, cristãos, somos chamados a cuidar da fragilidade do povo e do mundo em que vivemos.” (EG 216).

Uma Igreja profética e libertadora. A Igreja deverá estar empenhada na causa da justiça social. Deverá lutar contra a miséria, a fome, a corrupção, e a violência social. Não poderá ficar calada diante das injustiças. Deverá fazer decididamente a opção pelos pobres. Lembra o Documento de Aparecida que a globalização faz emergir em nossos povos, novos rostos de pobres e que os excluídos não são somente “explorados”, mas também “supérfluos” e “descaráveis” (DAp 65). A pastoral deverá dar acolhida e acompanhar os excluídos (DAp 402), uma vez que os pobres recebem um olhar amoroso, atencioso e privilegiado do Senhor. É preciso, pois, cuidar da fragilidade. “Por conseguinte, ninguém pode exigir-nos que releguemos a religião para a intimidade secreta das pessoas, sem qualquer influência na vida social e nacional, sem nos preocupar com a saúde das instituições da sociedade civil, sem nos pronunciar sobre os acontecimentos que interessam aos cidadãos.” (EG 183).

Uma Igreja inconformada e jamais acomodada às situações do mundo. Nenhuma conquista e vitória neste mundo fará a Igreja assentar-se para receber as glórias e triunfos. Deverá ser sempre uma Igreja voltada ao futuro. Uma Igreja que promove e provoca sinais do Reino vindouro definitivo. “A partir de alguns temas sociais, importante para o futuro da humanidade, procurei explicitar, uma vez mais, a incontornável dimensão social do anúncio do Evangelho, para encorajar todos os cristãos a manifestá-la sempre em suas palavras, atitudes e ações.” (EG 258).

Uma Igreja capaz de ser verdadeira comunidade da Palavra, da Eucaristia e da Caridade. Diante dos inúmeros desafios do mundo contemporâneo à fé, tais como, especialmente, no que tange à cultura do subjetivismo, do provisório, do superficial, do processo de secularização crescente e do individualismo e da descrença nas instituições, segundo o Papa Francisco, há de se ter cuidado e muita convicção na fé para vencer as “tentações” a que todos estamos sujeitos, sobretudo, os agentes de pastoral. É preciso, pois, buscar superar e dizer: **não** ao individualismo, ao declínio do fervor e à perda da identidade e **sim** ao desafio de uma espiritualidade missionária; **não** à fuga egoísta e ao pessimismo estéril e **sim** às relações novas geradas por Jesus Cristo; **não** ao mundanismo (tarefeiros espirituais) espiritual, não à guerra e ciúmes entre nós e ao parasitismo e **sim** ao compromisso com a Igreja que valoriza homens e mulheres e confia na ação do Espírito Santo que convida a seguir Jesus Cristo. (EG 109). Afirma o Papa Francisco: “Os desafios existem para ser superados. Sejamos realistas, mas sem perder a alegria, a audácia e a dedicação cheia de esperança. Não deixemos que nos roubem a força missionária!” (EG 109). Com essa belíssima motivação, os discípulos e missionários de Jesus Cristo são convidados a formar verdadeiras comunidades de fé que escutam a Palavra, partilham a Eucaristia e vivem a caridade. Com esse discernimento espiritual, a CNBB convida para que todas as paróquias se convertam em comunidade de comunidades. Eis algumas pistas, portanto.

“Para que a paróquia se converta em *comunidade de comunidades*, será preciso manter algumas características fundamentais: a) formar pequenas comunidades a partir do anúncio querigmático, unidas pela fé, esperança e caridade; b) meditar a Palavra de Deus pela Leitura Orante; c) celebrar a Eucaristia, unindo as comunidades da Paróquia; d) organizar retiros; e) estabelecer o Conselho de Pastoral Paroquial e o Conselho de Assuntos Econômicos, garantindo a comunhão e participação; f) valorizar o laicato e incentivar a formação para os ministérios leigos; g) a todos, especialmente os afastados, atraindo-os para a vida em comunidade, expressão da missão; h) viver a caridade e fazer a opção preferencial pelos pobres; i) estimular que a igreja matriz e as demais igrejas da paróquia tornem-se centros de irradiação e animação da fé e da espiritualidade; j) dar maior atenção aos condomínios e conjuntos de residências populares; k) garantir a comunhão com a totalidade da diocese; l) utilizar os recursos da mídia e as novas formas de comunicação e relacionamento; m) ser uma Igreja ‘em saída missionária’. (CC319).

Que a alegria do Evangelho possa motivar-nos, animar-nos a dispor-nos no caminho belíssimo do crer, compreender e servir a Igreja, amando a Deus e aos irmãos e irmãs como cidadãos e cidadãs do Reino de Deus. “Amar a Deus de todo o coração, com toda a mente e com toda a força, e amar o próximo como a si mesmo, isto supera todos os holocaustos e sacrifícios.” (Mc 12, 33).

ABREVIATURAS

AG	<i>Ad Gentes</i>
CC	<i>Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia</i>
ChL	Christifideles Laici
CIC	<i>Catecismo da Igreja Católica</i>
DAP	<i>Documento de Aparecida</i>
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i>
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
LG	<i>Lumen Gentium</i>
RMi	<i>Redemptoris Missio</i>

REFERÊNCIAS

- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- CELAM. *Documento de Aparecida*. V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituições, Decretos e Declarações*. Coordenação de Frederico Vier. Petrópolis: Vozes, 1991.
- CNBB. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*. A conversão pastoral da paróquia. Documento 104. Brasília: Edições da CNBB, 2014.
- FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho o mundo atual. São Paulo: Loyola; Paulus, 2013.
- FORTE, Bruno. *A Igreja ícone da Trindade: breve ecclesologia*. São Paulo: Loyola, 1987.
- JOÃO PAULO II, *Christifideles Laici* São Paulo: Paulinas, 1991.
- JOÃO PAULO II. *Redemptoris Missio*. Brasília: Pontifícias Obras Missionárias, 1991.
- PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 2001.